

ENSINO DE PIANO EM GRUPO NO CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA DA UNICAMP: A PERSPECTIVA DO LICENCIANDO

Miriã Cassuci Arantes Machado¹
Adriana do Nascimento Araújo Mendes²

Resumo: Esta pesquisa aborda a perspectiva do graduando sobre a disciplina com o Ensino de Piano em Grupo (EPG), no curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), após cursá-la. Para isso, a pesquisa investigou como a disciplina está localizada no currículo, seu programa pedagógico e quais outras disciplinas colaboram para o desenvolvimento das habilidades funcionais ao piano. Como se trata da formação de educadores musicais, ao questionar os graduandos, focou-se na compreensão sobre a prática do EPG, no domínio das habilidades funcionais ao piano, no desenvolvimento e estrutura de uma aula coletiva de piano, nas perspectivas de aplicação profissional e na percepção de quão preparado o estudante se sente. Com isso, este estudo traz reflexões e sugestões para a melhoria da disciplina, a partir de como ela é compreendida pelo corpo discente e docente. Também é um incentivo para que haja novas pesquisas e tentativas de aplicação do EPG no curso.

Palavras-chave: licenciatura em música; ensino de piano em grupo; educação musical.

¹Miriã Cassuci Arantes Machado é graduanda em Licenciatura em Música pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). . E-mail de contato: miriacassuci@gmail.com.

²Adriana do Nascimento Araújo Mendes é Bacharel em Música pela UFRI, Mestre em Música pela Syracuse University (NY/E.U.A.) e Doutora em Música pela Unicamp. É professora do Departamento de Música do Instituto de Artes da Unicamp desde 2011, onde atua na graduação e pós-graduação com formação de professores de Música para a escola pública brasileira, estágios, PIBID, Residência Pedagógica, ensino de piano em grupo e educação musical inclusiva. Foi Coordenadora de Graduação do Curso de Música de 2019 a 2023 e atualmente é Coordenadora de Extensão do Instituto de Artes da Unicamp. E-mail: aamendes@unicamp.br.

GROUP PIANO TEACHING IN THE BACHELOR OF MUSIC EDUCATION AT UNICAMP: UNDERGRADUATE STUDENTS' PERSPECTIVES

Abstract: This study examines undergraduate students' perceptions of the Group Piano Teaching (GPT) course in the Bachelor of Music Education program at the Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), based on their experiences after completing it. The research explores the course's role within the curriculum, its pedagogical framework, and its connection to other courses that support the development of functional piano skills. Given the program's focus on training future music educators, this study investigates students' understanding of group piano instruction, their proficiency in functional piano skills, their ability to structure and lead group lessons, their perspectives on professional application, and their perceived readiness for teaching. The findings provide insights and recommendations for enhancing the course from both student and faculty perspectives. Furthermore, this study seeks to foster further research and promote the expansion of group piano teaching within the program.

Keywords: bachelor's degree in music education; group piano teaching; music education; teacher training.

ENSEÑANZA DE PIANO EN GRUPO EN EL GRADO EN MÚSICA DE LA UNICAMP: LA PERSPECTIVA DEL ESTUDIANTE DE GRADO

Resumen: Esta investigación aborda la perspectiva de los estudiantes de grado sobre la asignatura de "Enseñanza de Piano en Grupo" (EPG) en el curso de Licenciatura en Música de la Universidad Estatal de Campinas (UNICAMP), tras haberla cursado. Para ello, la investigación indagó sobre cómo está situada la asignatura en el currículo, su programa pedagógico y qué otras asignaturas colaboran en el desarrollo de las habilidades funcionales al piano. Dado que se trata de la formación de educadores musicales, al interrogar a los estudiantes de grado, el enfoque se centró en la comprensión de la práctica del EPG, el dominio de las habilidades funcionales al piano, el desarrollo y la estructura de una clase colectiva de piano, las perspectivas de aplicación profesional y la percepción de los estudiantes sobre cuán preparados se sienten. Así, este estudio presenta reflexiones y sugerencias para la mejora de la asignatura, a partir de cómo la comprenden tanto los estudiantes como los docentes. También sirve como un incentivo para que se realicen nuevas investigaciones e intentos de aplicar el EPG en el programa.

Palabras clave: grado en música; enseñanza de piano en grupo; educación musical.

1. Introdução

O presente artigo apresenta os resultados de uma Iniciação Científica da graduação em Licenciatura em Música na Universidade Estadual de Campinas

(Unicamp), sob aprovação no Comitê de Ética, com o CAEE de nº 72894623.7.0000.8142. Como objetivo principal, visou investigar quais são os objetivos, funções e abordagens metodológicas do ensino de piano em grupo do curso de Licenciatura em Música da Unicamp, e teve como objetivos específicos:

1. Identificar disciplinas que possam complementar a formação pianística do licenciando;
2. Identificar como a disciplina que possui o formato de ensino coletivo de piano, nomeada “Laboratório de Instrumentos Harmônicos”, enquadra-se dentro da grade curricular do curso;
3. Quanto à disciplina, identificar:
 - a. Referencial teórico;
 - b. Estruturação da aula: dinâmica, infraestrutura necessária e duração.
4. Conhecer a visão de discentes, que a cursaram, sobre sua formação através do EPG e a possibilidade de aplicação nas demandas acadêmicas e profissionais.

O Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ECIM) tem sido valorizado quanto à sua democratização de acesso ao ensino, como parte da formação integral do ser humano e como uma metodologia que possibilita uma formação musical inclusiva e transformadora (Cruvinel, 2008, p. 7). De acordo com Gonçalves Cruz e Nascimento (2022):

o aprendizado da Música e a possibilidade de tocar um instrumento musical contribui para que nos tornemos cidadãos com uma outra visão de mundo [...] a possibilidade de se fazer isso de forma coletiva potencializa essa contribuição, pois podemos socializar as nossas táticas com outros indivíduos reunidos em um objetivo comum, ampliando nossa gama de astúcias, expandindo as nossas maneiras de fazer e consequentemente (re)inventando nosso(s) cotidiano(s) de maneira mais eficaz (Gonçalves Cruz; Nascimento, 2022, p. 17).

Entretanto, para que o ECIM atinja esses objetivos é preciso formar e capacitar os educadores (Cruvinel, 2008, p. 7), (Gonçalves Cruz; Nascimento, 2022), logo, um espaço que o ECIM tem ocupado é a universidade, nos cursos de licenciatura em música.

Contextualizando, o instrumento de interesse da pesquisa ingressou na universidade, no formato de EPG, pela professora Maria de Lourdes Junqueira Gonçalves na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), inicialmente com o curso “Especialização em Ensino de Piano em Grupo”. Com duração de dois anos (1979-1981), o curso contava com disciplinas sobre educação musical através do piano, métodos e matérias para EPG e práticas de ensino de EPG (Santos, 2013). Posteriormente, monografias sobre o tema foram apresentadas, demonstrando um interesse e desenvolvimento quanto à temática. No entanto, como a proposta não foi muito bem recebida na UFRJ, a professora Maria de Lurdes transferiu sua pesquisa para a UNIRIO, onde formou-se o primeiro laboratório de piano em grupo do Brasil (Santos, 2013, p. 48).

Já na Unicamp, espaço de estudo desta pesquisa, a implementação deu-se pela professora Adriana do Nascimento Araújo Mendes com a criação da disciplina “Laboratório de Instrumentos Harmônicos” no ano de 2012, com duração de um semestre e já sendo parte do currículo da Licenciatura em Música desde então.

A motivação para estudar o EPG no curso de Licenciatura em Música é por ele ter como centro o ensinar, indo além do apenas aprender a tocar. É um espaço abrangente e benéfico para ampliar os debates e trocas de experiências sobre o ensino e elucidar seus objetivos, funções e abordagens metodológicas de acordo com o cenário de aplicação, como ressalta Simone Machado (2016). Além disso, ela nos alerta que também é necessário levar em consideração a faixa etária, o conhecimento musical e pianístico prévio e o objetivo de ensino como principais fatores determinantes do cenário de aplicação.

2. O estudo de caso do EPG na Unicamp

A pesquisa é qualitativa, pois o seu objetivo consistiu em observar, identificar e compreender um fenômeno dentro de um contexto - uma disciplina do curso de Licenciatura em Música da Unicamp. Foi realizado um estudo de caso situacional onde “cada local e momento possui características específicas que opõem à generalização” (Stake, 2011, p. 25, *apud* Penna, 2017, p. 102). Ademais, como característico da pesquisa qualitativa, a observação foi subjetiva, relatando o modo como diferentes indivíduos (docente e discentes) dão sentido ao uso do piano academicamente e profissionalmente (Penna, 2017).

Para isso, foram utilizadas uma pesquisa bibliográfica e três formas de coleta de dados:

1. Estudo documental: currículo do curso e programa da disciplina de diferentes anos;
2. Questionário: com questões fechadas e aplicado aos discentes que cursaram a disciplina em 2023 e 2024;
3. Diário de campo: acompanhamento de 4³ aulas no 2º semestre de 2024.

Em acordo com uma abordagem qualitativa na pesquisa, o material escrito (referências bibliográficas e documentos) foi posto em averiguação de concordância e/ou discordância com os fenômenos observados, tanto como um preparo para a análise do questionário aplicado, como para relacionar o estudo documental, os dados de cada aplicação do questionário (turma de 2023 e de 2024), o funcionamento geral da disciplina e o referencial teórico. Já o caráter da análise foi

³ Há uma divisão das aulas em ciclos de estudos mensais, tendo uma avaliação toda última semana do mês referente ao conteúdo trabalhado no mesmo. Somando a isso, como a pesquisadora fez a disciplina, atuou como monitora (função que será explicada mais adiante) e fez a pesquisa documental, já havia um conhecimento da estrutura de aula e do seguimento dos conteúdos. Logo, o diário de campo visou observar o fim dos ciclos de estudos mensais, com o acompanhamento da penúltima aula de cada mês.

interpretativo, o qual é suficiente e mais adequado para uma Iniciação Científica (Penna, 2017, p. 126). Por fim, para melhor organização e visualização dos dados, fez-se o uso de tabelas e gráficos (Penna, 2017, p.157 a 160).

3. Resultados

3.1 Localização no Currículo e Programa Pedagógico

A princípio, para compreender a disciplina “Laboratório de Instrumentos Harmônicos” (código MU068) foi preciso entender sua localização no currículo do curso e mudanças ao longo dos anos. O curso de Licenciatura em Música iniciou-se na Unicamp em 2006, a princípio com matérias do Núcleo Comum do Bacharelado em Música (Instrumento, Regência e Composição) e com um acréscimo gradual de disciplinas específicas para melhor estruturação e necessidades do novo curso. Quanto a isso, foram realizadas três grandes reestruturações no que diz respeito às disciplinas e carga horária do curso, sendo elas nos currículos de 2012, 2015 e 2025. Da mesma forma, para a disciplina MU068 houve duas mudanças, entre 2016 a 2019 e em 2023.

É importante destacar que essas mudanças foram escritas e documentadas nos anos citados, mas não foram aplicadas apenas a partir desses anos. Afinal, as mudanças vêm do estudo, da observação da prática e vivência de novas metodologias e abordagens de ensino, para assim registrar as novas possibilidades e melhorias.

Em segundo, para complementar a compreensão sobre a disciplina, será apresentado seu histórico, focando nas mudanças que ocorreram desde seu início, nos tópicos a seguir.

3.1.1 Reestruturação entre 2016 e 2019 e o funcionamento da disciplina

A reestruturação dos Objetivos e Conteúdo Programático contou com trechos sendo reescritos (em amarelo) e outros acrescentados (em azul), o que demonstra uma busca por melhorias e contato com novas produções científicas sobre o EPG (vide Tabela 1 e Tabela 2). Com isso, passou de dois objetivos para quatro (transformação de um em conteúdo e acréscimo de três) e de cinco tópicos de Conteúdo Programático para dez (desmembraram-se em seis itens e acrescentaram-se quatro).

Tabela 1: Objetivos da disciplina de 2023

Objetivos	
1º	Instrumentalizar o aluno para acompanhar grupos musicais ao teclado/piano

2º	Desenvolver a técnica e a leitura musical em nível iniciante/intermediário no teclado/piano aliada à prática musical de exploração sonora e criação musical
3º	Aplicar conceitos harmônicos básicos ao estudo do instrumento
4º	Estudar aspectos do ensino coletivo de instrumentos musicais ao teclado/piano

Fonte: dados coletados do Programa da Disciplina disponibilizado pela docente para a turma, bem como pela Coordenadoria de Graduação do Instituto de Artes da Unicamp.

Tabela 2: Conteúdo Programático de 2023

Conteúdo Programático	
1	Pentacorde nas 12 tonalidades maiores - movimento paralelo e contrário
2	Arpejos
3	Pergunta e resposta, improvisação na escala pentatônica, ostinato
4	Harmonização de melodias
5	Acordes de subdominante e de dominante com sétima
6	Leitura à 1a vista
7	Sequências harmônicas: I IV I V7 I e I vi ii V
8	Acompanhamento de vocalizes para coral
9	Duetos ao piano
10	Peças individuais

Fonte: dados coletados do Programa da Disciplina disponibilizado pela docente para a turma, bem como pela Coordenadoria de Graduação do Instituto de Artes da Unicamp.

Como o próprio nome da disciplina sugere e sua ementa complementa⁴, a disciplina busca desenvolver as habilidades musicais e funcionais ao piano consideradas essenciais ao professor em sala de aula. Ademais, é um laboratório, espaço para experimentos e vivências, que busca desenvolver o conteúdo técnico, como tocar, e o pedagógico, como aplicar. Oferecida no 2º semestre com 2 horas de aula semanais e com sugestão de realização no 1º ano do curso, ela conta com

⁴“Estudo ordenado e progressivo de instrumentos harmônicos visando o desenvolvimento técnico-pedagógico do aluno” (DAC, 2012). Ementa disponível no site [:: Catalogo de cursos UNICAMP ::](http://Catalogo de cursos UNICAMP ::)

o auxílio de monitores (de programas da graduação e da pós-graduação)⁵, o que garante maior atendimento às demandas da turma e disponibiliza, como previsto pelos dois programas, um horário extra para atendimento individualizado para tirar dúvidas.

Para além de ser uma disciplina de EPG, ao nomeá-la “Laboratório” a docente deixa uma abertura para trabalhar o violão quando há monitor da pós-graduação que seja violonista. Somando a isso, há espaço para outras ideias e sugestões de discentes e monitores - o que é visto no discurso e prática em sala de aula pela docente, não estando diretamente documentado por escrito. Como ressaltam Campitelli e Mendes (2021), a disciplina de EPG dentro do Curso de Licenciatura tem focado na preparação do licenciando para sua atuação profissional, não apenas em um desenvolvimento técnico. Diante disso, há tópicos no Conteúdo Programático que visam desenvolver as habilidades tidas como funcionais ao piano como recurso para os educadores musicais: leitura à primeira vista, harmonização, transposição, improvisação, técnica básica e composição (Campitelli, 2023, cap. 2).

Tais habilidades, descritas na Dissertação de Mestrado de Juliana Campitelli (2023), permitirão ao educador musical: acompanhar uma música cantada ou executada em outro(s) instrumento(s) pela turma; harmonizar e transpor uma canção popular e da cultura da infância, cujos registros escritos por vezes não são encontrados. E, quando são, há apenas o registro da melodia, como a coletânea de canções folclóricas “500 canções brasileiras” (Paz, 2010). Permitirão, ainda, ao educador elaborar arranjos para acompanhar e executar com os alunos. Para isso, é necessário a técnica para tocar com fluidez e usar o improviso como um acompanhamento para uma atividade de musicalização específica.

A partir disso, a disciplina MU068 possui conteúdos que buscam chegar a essas habilidades e práticas. Segue abaixo a Tabela 3 que relaciona os tópicos do Conteúdo Programático (Tabela 2) necessários para o desenvolvimento de cada habilidade funcional ao piano, tanto indiretamente quanto diretamente. Além do mais, o nome do tópico não descreve como é aplicado e as correlações foram feitas também com base na observação das aulas..

Tabela 3: Relação entre habilidade funcional ao piano e tópicos do conteúdo programático

Habilidade funcional ao piano	Tópico do conteúdo programático
Leitura à primeira vista	6
Harmonização	1 - 2 - 4 - 5 - 7 - 8
Transposição	1
Improvisação	1 - 2 - 3 - 5 - 7

⁵ As disciplinas na Unicamp, segundo solicitação dos docentes, podem ter monitores que os auxiliem em aula, sendo da graduação, inscritos pelo Programa de Apoio Didático (PAD), ou da pós-graduação, inscritos pelo Programa de Estágio Docente (PED).

Composição	1 - 3 - 7 - 8
Técnica básica	1 - 2

Fonte: resultado do estudo documental e diário de campo.

Ao analisar o referido programa pedagógico e relacioná-lo com o programa da USP (Silva; Machado, 2016) pode-se perceber que o conteúdo programático é semelhante: ambos buscam desenvolver as habilidades funcionais ao piano. Porém, a duração e média de alunos por turma são diferentes, pois a USP possui quatro semestres, sendo todos de caráter obrigatório.

Finalizada a análise puramente teórica, apresenta-se a prática, inicialmente com uma observação do espaço de aula, que foi necessária para compreender a dinâmica da aula e da relação entre os discentes. Quanto a isso, a docente conta com duas salas para a aula, com a principal contendo cinco pianos digitais e um teclado e, a outra sala, com dois pianos digitais.

No início da disciplina sempre é feito um levantamento do nível de proficiência dos alunos. Caso a maioria esteja no mesmo nível, é mantido um único grupo. Já no caso de ter quase metade da turma em níveis diferentes, divide-se a turma em dois grupos, realizando parte da aula e/ou aula completa em salas separadas.

Posto esse espaço, há duas pontuações importantes. Primeiro, com uma média de dezessete discentes matriculados⁶, a presença de monitores é imprescindível, para suprir as dúvidas, dificuldades e auxiliar na continuidade do conteúdo quando a docente precisa revezar seu tempo entre as salas quando há a divisão da turma, já que as aulas ocorrem ao mesmo tempo. Em segundo, ainda considerando a média de alunos na turma, é necessário que fiquem dois alunos por piano. E, quando todos vão à aula, é necessário revezar quem fica no piano. Diante disso, é importante pontuar que a sala não comporta mais teclados ou pianos, não sendo possível deslocar os instrumentos de uma sala para outra.

Há estudos que apontam que a infraestrutura de espaços educacionais foi um fator contribuinte e influente no desempenho dos alunos - pesquisas feitas na educação básica (WIEBUSCH, 2011; HORNICK, 2012; THIBES, 2012. *apud*Sá; Werle, 2017) que também servem como uma possível referência para o ensino superior. Portanto, “Não é possível pensar em práticas de ensino que ocorram no vazio, é necessário situá-las no contexto em que se inserem” (Teixeira; Reis, 2012, p.163). É necessário considerar o impacto do espaço de sala de aula e a busca por um espaço na universidade, ainda mais para o curso de música, no vínculo, na motivação e, consequentemente, no desenvolvimento dos licenciandos.

A falta de espaço sempre foi uma realidade para a arte no Brasil. Logo, ressaltar e buscar a melhoria, manutenção e respeito pelos já conquistados é fundamental. Desse modo, a noção de coletivo e trabalho em grupo não é apenas a metodologia de EPG, é também a consciência e a relação da turma com o espaço

⁶ Média obtida pela quantidade de alunos matriculados nos últimos 7 anos, de 2018 a 2024.

que ocupa na universidade como futuro educador, o que, da mesma forma, será um ponto de partida para compreender os diferentes espaços em que atuará profissionalmente.

3.1.2 Acréscimos em 2023

Acrescentou-se o componente de extensão na disciplina sob o contexto das discussões referentes à curricularização da extensão e sua aplicação no ensino superior pela Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018 do CES/CNE (Brasil, 2018), assim como a busca para o licenciando ter mais contato com a prática: pensar atividades, aulas e aplicá-las para os colegas e para uma situação real de atuação. Praticamente, a docente tem requerido que os discentes pensem atividades e aplicações do conhecimento técnico e pedagógico adquirido em outros locais de atuação. Para isso, há disponível o espaço do projeto de extensão Oficina de Musicalização da Unicamp e de escolas públicas parceiras. Ressalta-se que o primeiro ano de implementação deste acréscimo foi 2024⁷, portanto as aplicações externas só se iniciaram recentemente.

Por mais que o movimento Escola Nova e as metodologias ativas sejam do século XX, a discussão do currículo ainda expõe a necessidade de mais contato com a prática pedagógica, a dificuldade de articulação entre as disciplinas do curso, já que, historicamente, não só a universidade, mas a educação básica também, é muito teórica, passa-se muito tempo ouvindo e lendo e pouco se aplicando e vivenciando. Por outro lado, as disciplinas são ministradas por professores diferentes, com formações diferentes, que precisam “cumprir incontáveis atividades” (Campitelli, 2023, p. 52) e com pouco tempo para diálogo entre si. Dessa forma, algumas disciplinas ficam desconexas e/ou com uma lacuna de desenvolvimento entre elas. Diante disso, espera-se que a nova proposta de catálogo do curso de Bacharelado e Licenciatura em Música de 2025 e a curricularização da extensão tragam uma conexão maior entre as disciplinas, com a prática e com o graduando.

3.1.3 Formação instrumental do licenciando

Em continuação, para compreender as possibilidades e continuidade do desenvolvimento pianístico e das habilidades funcionais, fez-se um levantamento de disciplinas que colaboram para essa formação instrumental:

- Quatro semestres da disciplina Instrumento, na qual o aluno faz aula de um instrumento (lembrando que voz também se enquadra como instrumento) de sua escolha, dentre os presentes no Bacharelado, com um aluno do Bacharelado sob orientação de seu professor de instrumento;

⁷ Por mais que tenha sido acrescentado em 2023, sua aplicação nesse ano não foi possível, pois a turma perdeu um mês de aula por conta de uma greve e do fechamento antecipado do prédio do Instituto de Artes para uma obra. Diante disso, a primeira experiência e aplicação ocorreu em 2024.

- Dois semestres de Técnica Vocal;
- Dois semestres de Coral;
- Um semestre de Percussão Aplicada, na qual há o contato com xilofones e metalofones Orff e outros instrumentos de percussão.

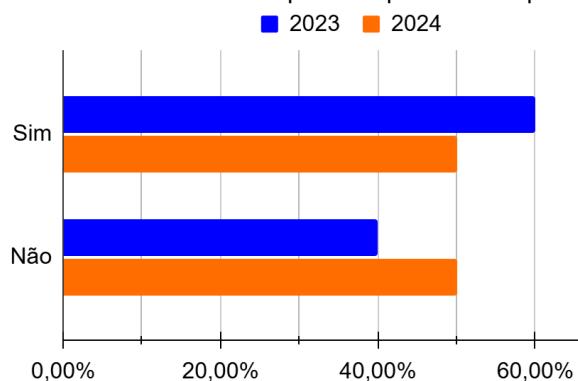
Diante disso, como na parte obrigatória do currículo não há prática instrumental coletiva, a disciplina de Coral, Técnica Vocal e a de Laboratório de Instrumentos Harmônicos cumprem esse papel, sendo as disciplinas de instrumento que mais permitem a interação e trocas entre os graduandos coletivamente. Constatou-se, assim, que a disciplina Laboratório de Instrumentos Harmônicos é a única que possui diretamente uma prática de ECIM, especificamente o EPG, com o objetivo de trabalhá-lo técnica e pedagogicamente. E, por outro lado, a questão da formação instrumental do licenciando tem sido algo muito pontuado pelos mesmos, mas é um tema que merece e necessita ser discutido à parte e por completo. Portanto, o tópico foi exposto para demonstrar a possível continuação do desenvolvimento pianístico, caso o licenciando opte pelo piano na disciplina de Instrumento, e outras complementações de desenvolvimento instrumental que o currículo obrigatório traz.

3.2 O que os licenciandos pensam sobre o EPG e sobre a disciplina MU068?

Dado o cenário e a teoria que embasa a disciplina, será apresentada a perspectiva dos licenciandos quanto à mesma, obtida pela aplicação do questionário após a finalização da disciplina para as turmas de 2023 e de 2024, tendo como participantes estudantes que se sentiram confortáveis e de acordo com os termos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Vale evidenciar que não houve participação de toda a turma no questionário. Em 2023, dez licenciandos participaram e, em 2024, doze. Dessa forma, para melhor comparação, os dados serão apresentados em porcentagem referente ao total de cada ano. Em suma, os resultados do questionário serão apresentados em dois blocos: domínio das habilidades funcionais e visão sobre o ECIM, o EPG e a disciplina.

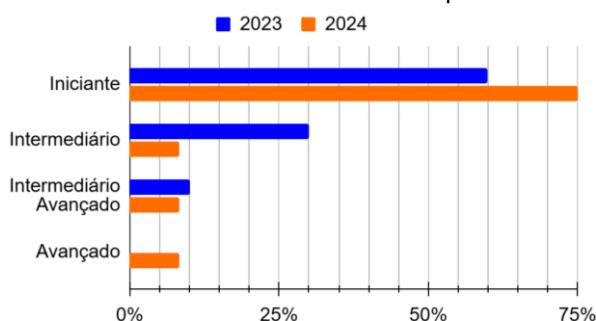
3.2.1 Desenvolvimento do EPG em um semestre

Gráfico 1 – Possui experiência prévia com o piano?



Fonte: coleta de dados pela aplicação do questionário.

Gráfico 2 – Proficiência ao piano.

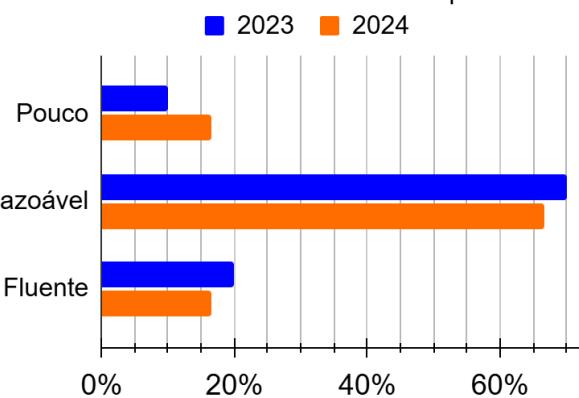


Fonte: coleta de dados pela aplicação do questionário.

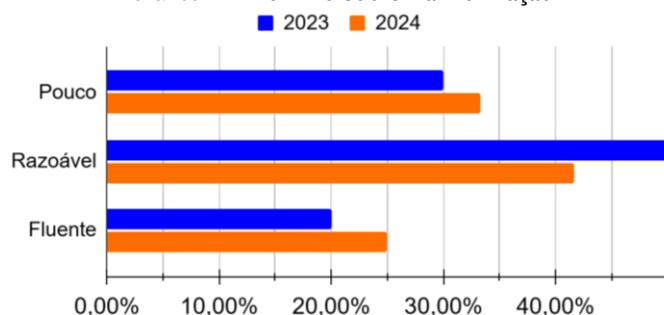
O Gráfico 1 e 2 apresentam a variabilidade de turma para turma quanto ao domínio instrumental: enquanto no ano de 2023 a turma foi dividida em dois grupos, iniciantes e mais avançados, que realizavam aula em salas separadas, em 2024 a turma toda ficou na mesma sala, pois apenas 3 alunos (que responderam a pesquisa) não eram iniciantes. Por conseguinte, a dinâmica da aula e seu desenvolvimento foi diferente, pois permitiu ter arranjos distintos de acordo com a proficiência de cada um e pelo fato que um aluno pode observar e auxiliar o outro para aprender.

Ou seja, mesmo com níveis diferentes, a prática coletiva permite que todos toquem juntos, há uma possibilidade diferente e, de certa forma única, de vivência musical para cada turma, assim como há o benefício de o grupo ser incentivado à resolução de problemas, seja uma dificuldade técnica ou interpretativa (Campitelli e Mendes, 2021) (Cruvinel, 2008, p. 7), (Gonçalves Cruz; Nascimento, 2022).

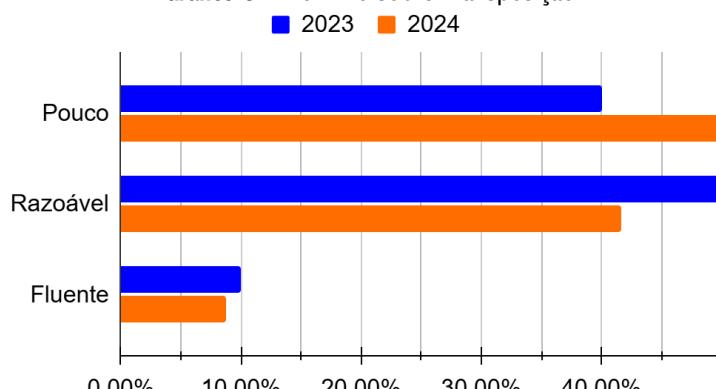
Essa variação, assim como as demais apresentadas, exige flexibilidade na construção do desenvolvimento a ser alcançado segundo o Projeto Pedagógico. Do mesmo modo, a presença dos monitores é de grande auxílio, permitindo maior atendimento às demandas da turma ao longo da aula e no horário de atendimento extraclasse.

Gráfico 3 – Domínio de leitura de partitura.

Fonte: coleta de dados pela aplicação do questionário.

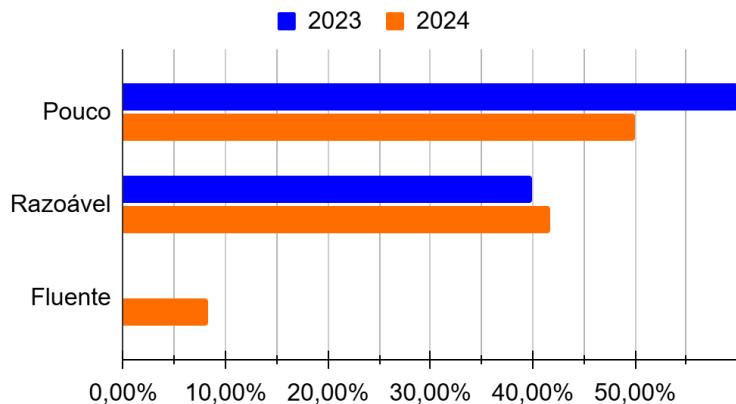
Gráfico 4 – Domínio sobre Harmonização

Fonte: coleta de dados pela aplicação do questionário.

Gráfico 5 – Domínio sobre Transposição

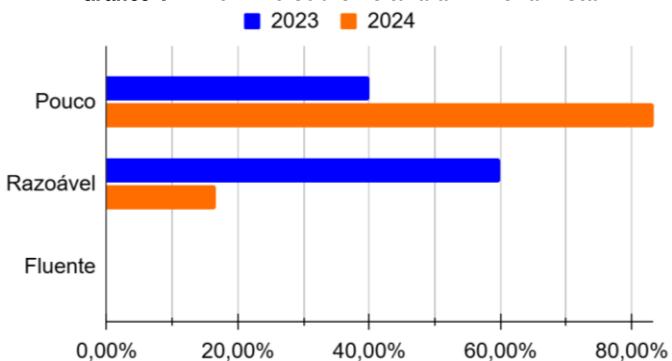
Fonte: coleta de dados pela aplicação do questionário.

Gráfico 6 – Domínio sobre Improvisação



Fonte: coleta de dados pela aplicação do questionário.

Gráfico 7 – Domínio sobre Leitura à Primeira Vista

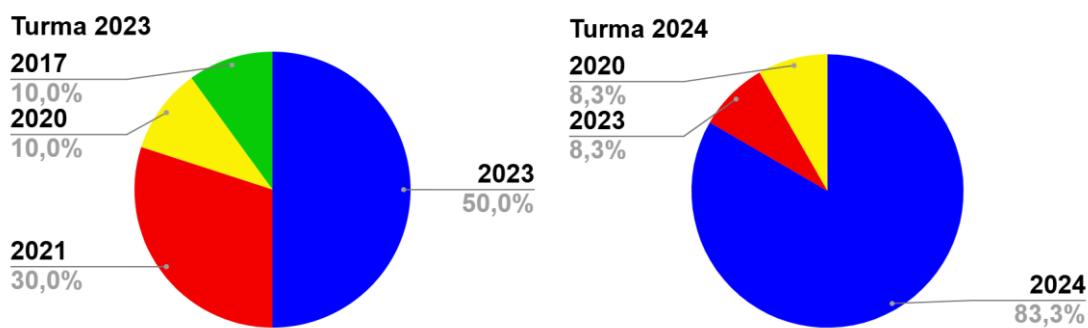


Fonte: coleta de dados pela aplicação do questionário.

Pensando no desenvolvimento das habilidades funcionais ao piano, os Gráficos de 3 a 7 demonstram que as duas turmas acompanhadas se encontram em um desenvolvimento razoável, contando com 40% a 70% dos participantes, em todas as habilidades. Lembrando que a disciplina pertence ao primeiro ano do curso, é nos anos seguintes que há um aprofundamento de estudos que levarão ao desenvolvimento dessas habilidades, exemplificando algumas disciplinas: Instrumento, Rítmica, Percepção e Harmonia.

A turma de 2023 perdeu um mês de aula (devido a uma greve e ao fechamento do prédio para reforma) e, mesmo assim, apresentou maior desenvolvimento em relação à de 2024. Uma explicação possível é o ano de ingresso dos matriculados em cada turma (vide Gráfico 8 abaixo). Em 2023, 40% da amostragem estava constituída por licenciandos que ingressaram durante o período de aulas remotas, devido à pandemia do Coronavírus (2020 e 2021), e que provavelmente optaram por deixar as disciplinas práticas para realizar ao retornar presencialmente. Enquanto que em 2024 apenas 16,6% da turma não estava cursando no período indicado pelo currículo.

Gráfico 8 – Ano de ingresso turma de 2023 e 2024



Fonte: coleta de dados pela aplicação do questionário.

Por outro lado, mesmo considerando que os dados são apenas de parte da turma, que metade da amostragem de 2023 já estava cursando pelo menos o terceiro ano do curso, que tiveram de um a dois anos de aula on-line, fica o questionamento do porquê seus resultados apresentam pouca diferença da turma de 2024. Seria o reflexo de uma perda da qualidade de aulas ao serem remotas? Por conta da perda de um mês de aula da disciplina? Ou as demais disciplinas não têm colaborado no desenvolvimento das habilidades funcionais necessárias ao educador musical aqui apresentadas?

Afinal, essas habilidades também são importantes mesmo sem o piano como recurso, podem ser utilizadas com outro instrumento harmônico ou outro de domínio do licenciando e até sem instrumento, utilizando-se de gravações. Além do mais, fornecem mais dinamismo e possibilidades para a aula, permitindo ao educador elaborar arranjos, músicas e transposições de acordo com as necessidades da turma.

3.2.2. Compreensões e perspectivas de aplicação

Ao questionar sobre o ECIM ser viável, houve apenas um não, vindo de um(a) licenciando(a) que ainda não havia passado pela formação instrumental coletiva, sendo a disciplina MU068 sua primeira experiência de EPG. Novamente pontuando que se trata de uma amostragem das turmas, há duas considerações, primeiramente a realidade desse(a) licenciando(a), que envolve sua formação, contato com a atuação como educador e com diferentes modelos, metodologias e práticas pedagógicas, que construiu essa colocação; em segundo, mesmo que o ECIM tenha sido estudado desde os anos 1950 (Rebouças, 2012) e o EPG desde os anos 1970 (Machado, 2016), ainda há educadores e futuros educadores que não concordam e desconhecem sua efetividade.

Em continuação, ao pedir pontuações e indicações de possíveis melhorias para a disciplina as respostas se concentraram em:

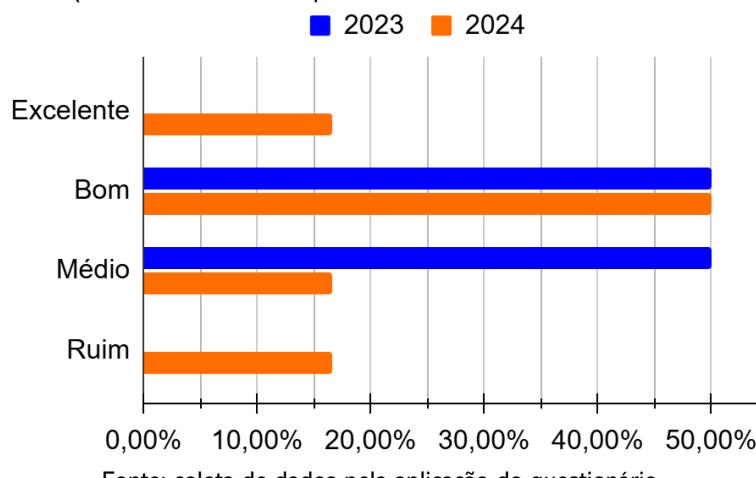
1. Pontuações:
 - a. Dentro do tempo e conteúdo proposto o instrumento foi bem introduzido;
 - b. É muito boa;

c. Seria interessante ter mais de um semestre.

2. Melhorias:

- a. Pouco tempo, ter duração de mais de um semestre para: “compreender melhor o instrumento e como ele se comporta em diferentes situações”;
- b. “Não forçar a aprender o máximo de coisas”, “ter mais tempo de prática para aprender um conteúdo”;
- c. Mais tempo de aplicação na prática de extensão;
- d. Mais apresentações de peças individuais e duos para a própria turma;
- e. Possibilitar o aprendizado de outro instrumento harmônico;
- f. Ensino de levadas para realizar acompanhamentos;
- g. Continuação (mais conteúdo) do ensino sobre escalas e inversões;
- h. Aula com um piano acústico para ensinar o uso de todos os pedais - já que os elétricos da sala principal só possuem o pedal de *sustain*;
- i. Dicas de leitura de partitura;
- j. Espaço melhor e que comporte melhor os discentes;
- k. Alunos com maior proficiência ao piano serem instruídos a auxiliar os demais colegas e avaliados quanto ao auxílio pelos mesmos.

Gráfico 9 – Quanto a disciplina e seus conteúdos foram suficientes para a formação do educador musical (habilidades funcionais para domínio de um instrumento harmônico)?



Fonte: coleta de dados pela aplicação do questionário.

O processo de aprendizagem, segundo Vigotski, precisa partir dos conhecimentos da zona de desenvolvimento proximal⁸ e operar no tempo e forma com que aquela turma comprehende e interpreta a realidade e novas experiências, para assim chegar ao nível de desenvolvimento real (Vigotski apud Oliveira, 1997). Desse modo, ao apresentar um conteúdo, o mesmo terá um percurso e tempo para ser absorvido e externalizado pelo estudante, logo, considerando a duração de um

⁸A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, aquilo que conseguimos realizar e resolver de forma independente, e o nível de desenvolvimento potencial, aquilo que conseguimos realizar e resolver sob auxílio de alguém mais capaz. Ou seja, é nela que o professor atua como mediador do aprendizado (OLIVEIRA, 1997, cap. 4).

semestre e os perfis das turmas, ao questionar sobre o quanto suficiente o conteúdo da disciplina foi para o domínio de habilidades funcionais para um instrumento harmônico, as turmas sentem-se com um desenvolvimento mediano (vide Gráfico 9).

A terceira pontuação e as melhorias dos tópicos “a” ao “d” referem-se ao pouco tempo para desenvolvimento das propostas. Esse pouco tempo também se relaciona com a diversidade formativa prévia dos alunos, não só de espaços, mas quanto a ser popular ou erudita - diferentes formas de compreender e se utilizar dos conhecimentos harmônicos e da partitura. Como a disciplina trabalha aspectos de ambos (erudito e popular), todos enfrentam desafios com o desconhecido para si. A consideração de um semestre ser pouco também é feita pela docente, duas possibilidades para melhoria seriam: pesquisar a autorregulação do estudo dos licenciandos para a disciplina e pesquisar possibilidades de mudanças para ela.

Em seguida, as melhorias de “f” a “i” refletem um almejo de estender-se à disciplina, para aprender mais conteúdos e sanar dificuldades. Demonstrando assim, que o programa da disciplina foi compreendido e instigou a uma continuidade dos estudos sobre o assunto. Por um outro viés, mas ainda temporal, a sugestão “j” reflete o atender a demanda, que gera uma superlotação do espaço.

Já a melhoria “e” reflete a confusão, e até frustração, que o nome da disciplina causa, um Laboratório de Instrumentos Harmônicos que possui apenas um. Por outro lado, há a visão da docente de deixar uma abertura para o violão e espaço de experimentações que só é exposta na primeira aula, como já descrito na divisão 3.1.1. E a ementa cita o aprendizado de instrumentos harmônicos, informação mais acessível⁹, sendo evidente que se trata apenas do piano ao pesquisar o programa pedagógico, informação menos acessível¹⁰. Questiona-se, então, deixar um nome claro para os alunos e causar outra confusão, mesmo que esporádica, quando há o oferecimento de violão? Ou manter o nome conforme o que a disciplina se dispõe a ser?

Por fim, o tópico “k”, sugestão mais divergente em assunto, não é diretamente viável pois perderia-se muito tempo da aula para que a professora e monitores instruissem alunos mais avançados, além do que a aula e forma que alguns conteúdos são apresentados possui um padrão, e assim que assimilado é possível ser repassado para aqueles que precisam. Outros conhecimentos referentes à pedagogia do instrumento vão além do tempo e proposta da disciplina e são muitos, sendo interessante uma disciplina específica para isso.

Além do mais, a disciplina discute o ensinar (Mendes; Santiago, 2011), traz ideias de atividades para uma aula de EPG (Froehlich, 2004) e incentiva que os discentes as apliquem em aula. E há o Programa de Apoio Didático que permite o graduando participar da disciplina como monitor, mas tem como pré-requisito já tê-

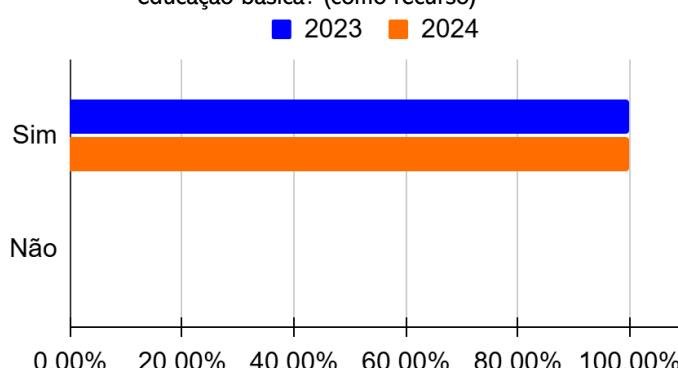
⁹ Acessível pois é vista quando o aluno pesquisa as disciplinas oferecidas por semestre, assim como seus horários, pelo site da DAC para realizar a matrícula semestral nas disciplinas.

¹⁰ Menos acessível pois é disponibilizado no site do Instituto de Artes, na aba referente ao programa pedagógico, ou seja, pesquisado e acessado quando o discente tem interesse em conhecê-lo.

la cursado, garantindo assim que ele já tenha conhecimento a respeito do assunto e poupando tempo de explicações. Como a presença de monitores é muito importante, a docente tem por hábito convidar os alunos para serem monitores para a turma do ano seguinte - algo que a pesquisadora presenciou acompanhando as aulas como aluna, como PAD e durante a coleta de diário de campo.

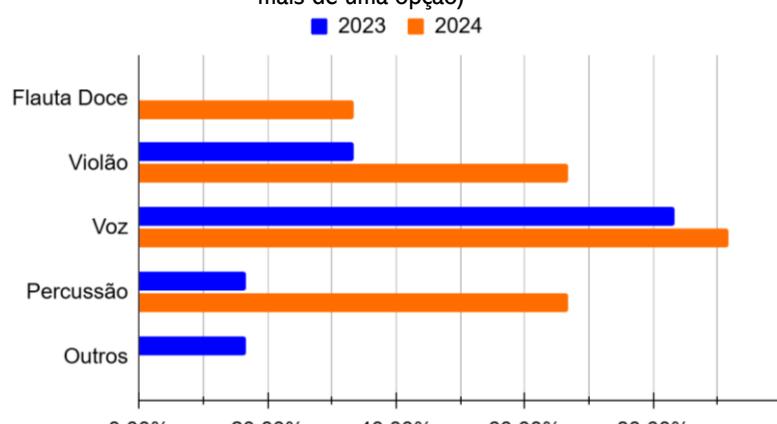
Focando na aplicação de tais habilidades, e nas possibilidades que o domínio de um instrumento harmônico oferece ao professor, temos os Gráficos 10 ao 12. Dos quais, os Gráficos 11 e 12 são perguntas com opção de escolha de mais de uma opção, sendo as porcentagens baseadas no total de participantes.

Gráfico 10 – Acha importante o domínio de um instrumento harmônico para o professor, pensando na educação básica? (como recurso)



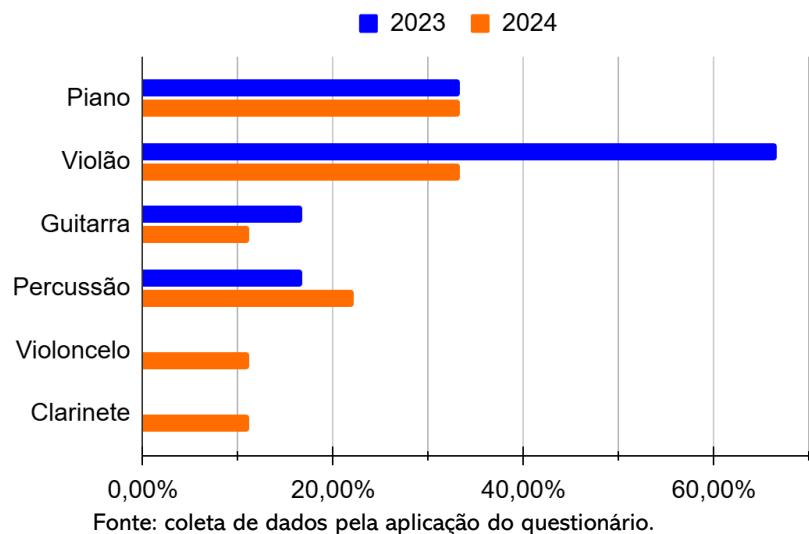
Fonte: coleta de dados pela aplicação do questionário.

Gráfico 11 – Quais outros instrumentos julga importante o professor ter domínio? (pode escolher mais de uma opção)



Fonte: coleta de dados pela aplicação do questionário.

Gráfico 12 – Para aqueles que já atuam como educador musical: qual(is) instrumento(s) utiliza(m)? (pode escolher mais de uma opção)



A pergunta do Gráfico 10 obteve como justificativas as funcionalidades do piano (instrumento harmônico) como recurso, já mencionadas ao longo do artigo. Já no Gráfico 11, além das opções oferecidas, houve apenas uma resposta em “outro”, a qual ressaltou “desde que permita realizar o proposto na aula, qualquer instrumento é bem-vindo”.

Em seguida, filtrando aqueles que já atuam como educadores musicais, obteve-se (Gráfico 12) que a maioria utiliza o piano, violão e instrumentos percussivos. Dos quais, considerando as duas turmas, somente dois graduandos atuam apenas com aula individual de instrumento (clarinete e violão), sendo os demais atuantes na musicalização. Diante disso, pode-se compreender a importância do curso em Licenciatura em Música ofertar uma disciplina com EPG e/ou instrumentos harmônicos.

4. Conclusões

Partindo da perspectiva que é necessário vivência, que a música e seus fazeres sejam sentidos no corpo, o acréscimo do componente de extensão é uma abertura muito importante para aplicação dos conhecimentos aprendidos na disciplina em outros espaços, desde que desenvolvida e que tenha sua importância compreendida pelo corpo docente e discente. Cada turma, cada espaço de ensino e possível aplicação das habilidades funcionais possui suas particularidades que trarão questões a serem debatidas para montar um planejamento de aula - quem é meu público, quais os objetivos, qual metodologia e abordagem pedagógica utilizar (Simone, 2016) - e de estudo - em que tom está a música, como transpor, que tipo de harmonização e levada seria pertinente.

A coleta do questionário no fim do semestre de duas turmas permitiu comparar e apresentar a variabilidade do perfil dos grupos e seu desenvolvimento. Mas, para ter um referencial do quanto aprenderam na disciplina, seria necessário

um questionário ou teste de nivelamento no início e final do semestre. Como a disciplina pertence ao primeiro ano do curso, também seria interessante uma continuação desta pesquisa, coletando dados sobre as habilidades funcionais dos licenciandos, para analisar o quanto as demais disciplinas estabelecem conexões e colaboram para o seu desenvolvimento, assim como o quanto se desenvolvem pianisticamente, mesmo que isso tenha como variante o interesse de cada licenciando pelo instrumento.

Destacou-se também a importância de uma disciplina que discuta técnica e pedagogicamente a prática de ensino instrumental coletivo, visto que há dúvidas e interesse em aprender mais. Ademais, em Campinas e região há escolas e projetos sociais que possuem o ECIM, a educação básica - principal espaço que o curso visa preparar os estudantes para atuar e que majoritariamente possui aulas coletivas - e espaços com os quais a universidade possui vínculos (Projeto Canarinhos, Projeto Primeira Nota, Programa UniversIDADE e Projeto de Extensão Oficina de Musicalização da Unicamp).

Todas as possíveis sugestões visando uma melhoria da disciplina mesclam a dimensão do espaço, tempo e compreensão. Elas trazem a visão do estudante do curso, de professores e futuros professores em formação, complementando e trazendo respostas e alternativas para a disciplina e para a docente responsável.

Uma primeira alternativa seria a oferta de duas turmas, considerando o teste de nivelamento e uma distribuição o mais proporcional possível do total de alunos matriculados. Com isso, a sala de aula não superlotará, deixando um espaço mais confortável para os alunos, e a professora e os monitores poderão dedicar mais tempo para atender cada aluno. Afinal, com menos pessoas, há menos demandas e mais tempo para avançar e aprofundar o conteúdo. Como há o componente de extensão, uma turma e/ou discente pode usá-lo para aplicar uma atividade na outra turma. Por outro lado, com um espaço mais confortável e que melhor atende às demandas, consequentemente há mais desenvolvimento e otimismo quanto à disciplina - o que, por si, leva ao aumento de interessados numa possível criação da continuidade da disciplina. Por fim, vale ressaltar que, para de fato abrir uma outra turma, é preciso uma gestão do tempo da docente em concordância com a grade de horários curricular, encontrando um horário livre em comum.

Em segundo lugar, seria a possibilidade de criar um Tópico Especial (disciplina oferecida unicamente no semestre proposto, não sendo fixa no catálogo) para elaborar e experimentar uma continuação da disciplina. Tendo em vista que é preciso um docente responsável e que os professores universitários possuem muitas atribuições, o Tópico poderia ser elaborado conjuntamente pela docente de Laboratório de Instrumentos Harmônicos e pelos docentes do Bacharelado em Piano, erudito e popular, que se dispuserem. Somando isso à presença frequente de monitores, o que garante uma continuidade, os docentes podem se revezar quanto à presença em sala de aula, distribuindo as demandas.

Após experimentos, consolidação de um programa pedagógico e um número de matrículas favorável e constante, o passo final é a criação da disciplina Laboratório de Instrumentos Harmônicos II. Contudo, não são etapas fáceis e nem simples, elas demandam: tempo para elaboração, colaboração entre docentes e docentes com discentes, existência de um horário disponível da docente responsável pela disciplina que coincida com um horário livre na grade de horários do curso de Licenciatura em Música e alteração do catálogo do curso. Mas não deixam de ser experimentos possíveis.

Referências

BRASIL. Câmara de Ensino Superior e Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018. *Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 19 jul. 2024.

CAMPITELLI, Juliana. MENDES, Adriana. Piano em grupo para quê? Reflexões sobre o estudo de piano em grupo para educadores musicais. XXV Congresso Nacional da ABEM, 2021. *Anais*, v. 4, 2021. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/966/public/966-4315-1-PB.pdf. Acesso em: 26 abril 2023.

CAMPITELLI, Juliana. Piano em grupo para educadores musicais: estratégias metodológicas para a aquisição das habilidades funcionais ao piano. Dissertação de Mestrado pela Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP : [s.n.], 2023. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1384491>. Acesso em: 26 maio 2024.

CRUVINEL, Flávia Maria. O Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais na Educação Básica: compromisso com a escola a partir de propostas significativas de Ensino Musical. In: *Educação Musical e Musicalidade*, 2008, Rio Grande do Sul. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2008.

FROEHLICH, Mary Ann. *101 ideas for piano group class*. Alfred Music Publishing Co., 2004.

GONÇALVES CRUZ, Francisca A. M.; NASCIMENTO, Marco A. T. Ensino Coletivo de Instrumento Musical e a (re)invenção do(s) cotidiano(s). *Revista Educação em Foco*, v. 27, n. 1, p. 27045, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/37845>. Acesso em: 30 out. 2024.

MACHADO, Simone Gorete. A presença do piano em grupo no ensino superior no Brasil. *Revista Orfeu*, Lisboa - Portugal, jan - junho de 2016, página 132. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/7358> . Acesso em : 25 nov. 2023.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). *Pedagogias em Educação Musical*. Editora Intersaberes, Curitiba - PR, Brasil, 2012.

MENDES, Adriana; SANTIAGO, Glauber. *Uma introdução à prática musical por meio do teclado*. Vol. 1. Coleção UAB-UFSCar. SEaD UFSCar: São Carlos, 2011.

OLIVEIRA, Marta K.de. Desenvolvimento e Aprendizado. In.: OLIVEIRA, M. K. de. Vygotsky: *aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico*. 4^a edição. São Paulo-SP, Scipione, 1997.

PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música. 3^a edição*. Porto Alegre (RS) Brasil: Editora Sulina, 2017.

REBOUÇAS, Maria Olinda Sena. *O ensino coletivo de piano no Brasil: panorama geral sobre experiências e métodos*. Monografia de pós-graduação pela Faculdade Paulista de Artes, São Paulo - SP, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/12528051/O_ENSINO_COLETIVO_DE_PIANO_NO_BRASIL_PA_NORAMA_GERAL_SOBRE_EXPERI%C3%8ANCIAS_E_M%C3%89TODOS . Acesso em: 25 nov. 2022.

SÁ, Jauri dos Santos e WERLE, Flávia Obino Corrêa. Infraestrutura escolar e espaço físico em educação: o estado da arte. Cad. Pesqui. [online]. 2017, vol.47, n.164, pp.386-413. ISSN 1980-5314. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-15742017000200001&script=sci_abstract Acesso em: 03 nov. 2024.

SANTOS, Rogério Lourenço dos. *O ensino de piano em grupo: uma proposta para elaboração de método destinado ao curso de piano complementar nas universidades brasileiras*. São Paulo, 2013. 255f. Tese de doutorado em Música, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde-22082013-141410/pt-br.php> Acesso em: 10 fev. 2025.

SILVA, Bianca Viana Monteiro da e MACHADO, Simone Gorete. *Livro didático de piano em grupo: uma proposta global para o curso de graduação em música*. XII Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais (ENECIM). *Anais... Sobral/SC, 2016*. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/269/o/Anais_VII_ENECIM.compressed.pdf. Acesso em: 02 nov. 2024.

TEIXEIRA, Madalena Telles e Reis, Maria Filomena. *A Organização do Espaço em Sala de Aula e as Suas Implicações na Aprendizagem Cooperativa. Meta: Avaliação*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, p. 162-187, mai./ago. 2012. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavalicao/article/view/138> Acesso em: 23 out. 2024.

Referências complementares

BASTIEN, James; BASTIEN, Jane. *Beginning piano for adults*. Illinois: General Words & Music Co., 1968.

BOLLOS, Liliana H. *Harmonização no piano popular*. São Paulo: Ed. Laços, 2017.

BUCHER, Hannelore. *Toque piano hoje...e sempre*: curso de piano para adultos. Volume 1. Vitória: O Autor, 2009.

CAMPOS, Moema. *13 pequenas peças brasileiras*: coletânea para o iniciante de piano. São Paulo: Irmãos Vitale, 2002.

Diretoria Acadêmica da Unicamp. Catálogo dos Cursos de Graduação: música. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2006. Disponível em: [Catalogo dos Cursos de Graduação \(unicamp.br\)](http://Catalogo dos Cursos de Graduação (unicamp.br)) . Acesso em: 12 de março de 2024.

Diretoria Acadêmica da Unicamp. Catálogo dos Cursos de Graduação: música. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2012. Disponível em: [:: Catalogo de cursos UNICAMP ::](http://Catalogo de cursos UNICAMP ::) . Acesso em: 12 de 03 de 2024.

Diretoria Acadêmica da Unicamp. Catálogo dos Cursos de Graduação: música. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2015. Disponível em: [:: Catalogo de cursos UNICAMP ::](http://Catalogo de cursos UNICAMP ::) . Acesso em: 12 de 03 de 2024.

Diretoria Acadêmica da Unicamp. Disciplina MU068. In.: Catálogo dos Cursos de Graduação: música. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2023. Disponível em: Catálogo dos Cursos de Graduação - UNICAMP - 2023 . Acesso em: 22 de maio de 2024.

HEREEMA, Elmer. *Progressive Class Piano a practical approach for the older beginner*. 2nd Ed. California: Alfred Publishing Co., 1984.

Instituto de Artes da Unicamp. Programa de Disciplina: Laboratório de Instrumentos Harmônicos. Coordenadoria de Graduação do Instituto de Artes-Unicamp, Campinas-SP, 2012.

Instituto de Artes da Unicamp. Programa de Disciplina: Laboratório de Instrumentos Harmônicos. Coordenadoria de Graduação do Instituto de Artes-Unicamp, Campinas-SP, 2015.

Instituto de Artes da Unicamp. Programa de Disciplina: Laboratório de Instrumentos Harmônicos. Coordenadoria de Graduação do Instituto de Artes-Unicamp, Campinas-SP, 2023.

LONGO, Laura. *Divertimentos*. São Paulo: L. Longo, 2003.

NAKAMURA, Ricardo. *Duetos populares - 12 peças a quatro mãos para o iniciante de piano*. Vol.1. Brasília, 2006.

PACE, Robert. *Criando e aprendendo*. GUARNIERI, Vera S.; VERHAALEN, Marion (trads.). Ricordi brasileira, 1973.

REIS, Carla; BOTELHO, Liliana. *Piano Pérolas: quem brinca já chegou!* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.